



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Revitalização: da Ruína ao Turismo Aldeia do Colmeal (Figueira de Castelo Rodrigo)

Sílvia Alexandra Felício Martins

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

Covilhã, Fevereiro de 2014

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes, pela sabedoria partilhada, disponibilidade e acompanhamento muito paciente.

Aos meus pais pelo apoio e ajuda sempre constante e incondicional.

A todos os meus amigos e colegas de curso pela motivação.

Aos professores da Universidade da Beira Interior (UBI), que ao longo do meu percurso académico contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A todas as pessoas que indiretamente estiveram envolvidas na realização deste trabalho e facilitaram a sua conclusão.

Resumo

Esta dissertação tem como objeto de estudo a Aldeia do Colmeal, pertencente ao concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda. Aldeia que se encontra desabitada desde 1956 devido a uma ordem do tribunal.

Encontra-se desde então ao completo abandono, dela restam apenas as ruínas, onde se destaca a igreja medieval, dedicada a S. Miguel e a casa abrasonada dos Cabrais.

Pretende-se com este projeto criar um espaço alternativo à cidade, pensado e preparado para turismo sustentável aliado a uma arquitetura vernacular (popular) em xisto.

Nesta dissertação pretende-se fazer uma análise de todos os aspetos que permitam a realização de uma proposta de intervenção, com vista à recuperação, remodelação e revitalização da aldeia.

Para além da recuperação do casario, teve-se em conta todo o contexto e área envolvente, assim foram desenhados alguns percursos e uma área de estacionamento.

A inclusão de alguma nova vegetação (árvores) nos pátios, complementa de forma simples mas cuidada a intenção de integrar a proposta no território.

Palavras-chave

Aldeia do Colmeal, Revitalizar, Ruínas, Turismo, Património, Lugar.

Abstract

This dissertation use as study object the Aldeia do Colmeal, belonging to county of Figueira de Castelo Rodrigo, district of Guarda. This Village stands uninhabited since 1956 due to a Court order.

We find this village completely abandoned with just ruins to see such as a highlighted medieval church dedicated to Saint Miguel and also a blazoned house of the Cabrais family.

The meaning of this project is to create an alternative place from the city, intended and prepared for sustainable tourism allied with vernacular architecture in shale.

In this dissertation it is intended to analyse all of the aspects to allow the achievement of a proposal for intervention, with a view for recovery, remodeling and revitalization of the Village.

Along with the old house recovery we had consideration for the whole context and surrounding area, where it was drawn some pathways and a parking area.

The inclusion of some new vegetation (trees) in the terrace it complements a simple and still careful way of the intention to integrate the land proposal.

Keywords

Aldeia do Colmeal, Revitalize, Ruins, Tourism, Patrimony, Place.

Índice

Capítulo 1 - Introdução	1
1.1. Tema.....	1
1.2. Objetivos	1
1.3. Estrutura	1
1.4. Metodologia.....	2
Capítulo 2 - Contexto	3
2.1. Figueira de Castelo Rodrigo	3
2.1.1. Orografia	4
2.1.2. Variação da altitude por freguesias	4
2.1.3. Hidrografia.....	5
2.1.4. Clima	5
2.1.5. Flora	5
2.1.6. Fauna	6
Capítulo 3 - Aldeias Com História	7
3.1. Introdução	7
3.2. Programa das Aldeias Históricas (PAH)	8
3.3. Programa das Aldeias de Xisto (PAX).....	11
Capítulo 4 - Aldeia do Colmeal	15
4.1. Introdução	15
4.2. Um pouco de História.....	16
4.3. Expulsão das Pessoas	18
4.4. Características da Antiguidade à Atualidade	19

Capítulo 5 - Revitalização: da Ruína ao Turismo	23
5.1. Enquadramento geral	23
5.2. Programa e metodologia adotada	23
5.3. Conceito	25
5.4. Materiais	26
Capítulo 6 - Considerações Finais	29
Capítulo 7 - Bibliografia	31
5.1. Referências Eletrônicas	33
5.2. Ficha Técnica	34

Anexos

- Fichas de catalogação
- Peças Desenhadas

Lista de Figuras

Figura 1 - Freguesias de Figueira de Castelo Rodrigo (fonte: http://wikienergia.com/-edp/index.php?title=Electrifica%C3%A7%C3%A3o_do_concelho_de_Figueira_de_Castelo_Rodrigo)	3
Figura 2 - Programa de Recuperação das Aldeias Históricas (Fonte: Associação de Desenvolvimento Turístico as Aldeias Históricas de Portugal, Rede das Aldeias Históricas de Portugal - Estratégia de Eficiência Coletiva e Plano de Ação. Provere, Janeiro de 2009)	8
Figura 3 - Programa de Recuperação das Aldeias Históricas (Fonte: Associação de Desenvolvimento Turístico as Aldeias Históricas de Portugal, Rede das Aldeias Históricas de Portugal - Estratégia de Eficiência Coletiva e Plano de Ação. Provere, Janeiro de 2009)	9
Figura 4 - Aldeias de Xisto do Pinhal Interior (Fonte: ADXTUR - EEC Rede das Aldeias do Xisto. Provere, Janeiro de 2009)	13
Figura 5 - Vista do Colmeal (Fonte: SIPA - Sistema Informação para o Património Arquitectónico, data desconhecida)	15
Figura 6 - Vista do Colmeal (Fonte: SIPA - Sistema Informação para o Património Arquitectónico, data desconhecida)	16
Figura 7 - Vista do Colmeal (Fonte: SIPA - Sistema Informação para o Património Arquitectónico, data desconhecida)	18
Figura 8 - Igreja de São Miguel (Fonte: SIPA - Sistema Informação para o Património Arquitectónico, data desconhecida)	19
Figura 9 - Interior da Igreja de São Miguel (Fonte: SIPA - Sistema Informação para o Património Arquitectónico, data desconhecida)	20
Figura 10 - Interior da Igreja de São Miguel (Fonte: Autor, 2013)	20
Figura 11 - Casa dos Cabrais e respetivo brasão (Fonte: Autor, 2013)	21
Figura 12 - Vista, Casa dos Cabrais (Fonte: SIPA - Sistema Informação para o Património Arquitectónico, data desconhecida)	21
Figura 13 - Planta Geral da Proposta (Fonte: Autor, 2013)	25

Capítulo 1 - Introdução

1.1. Tema

A revitalização em Arquitetura é muito atual e pertinente e abrange conceitos como a memória, a identidade e a história do local aliando o passado, o presente e o futuro; principalmente no que toca ao interior do nosso país com aldeias envelhecidas, que caíram completamente no esquecimento.

Conceitos estes, que apenas fazem sentido se existir uma consciência arquitetónica dos mesmos, a par do desenvolvimento e formas de intervir no edificado existente com valor cultural reconhecível, conciliando a preservação do património e eventualmente adaptando-o a novos usos.

Assim, quando se pensa em reabilitação do património, pretende-se preservar o meio onde o Homem habita e se insere, porque a sua história e os seus valores estão intrinsecamente ligados e espalhados no edificado, no sentido de preservar a memória e a identidade coletiva.

“ (...) Hoje tacham-me de revolucionário. Vou fazer uma confissão sempre tive um único mestre, o passado, e uma única formação: o estudo do passado (...) ”¹

Não podemos esquecer que a reabilitação deve ser pensada como um todo, isto é, as intervenções pontuais devem fazer parte de uma política de regeneração urbana e/ou intervenção rural.

1.2. Objetivos

Pretende-se com este estudo dar resposta aos seguintes objetivos:

- Identificar as principais condicionantes à reabilitação da Aldeia do Colmeal;
- Reabilitar os edifícios em ruína existentes na Aldeia do Colmeal, dando-lhe uma função adequada, consoante as necessidades;
- Contribuir de forma a criar condições ao turismo rural, alojamento, deslocação e melhor aproveitamento da Aldeia;
- Estruturar este projeto académico como um projeto real.

1.3. Estrutura

Este trabalho é composto por duas componentes, o suporte teórico e o suporte prático, sendo que o primeiro complementa, explica, clarifica e orienta o segundo.

¹ Le Corbusier - *Precisões*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 44.

“A arquitectura é a arte de construir. Compõem-se de duas partes: teoria e prática. A prática é a construção efectiva, a teoria é o conjunto de regras derivadas da Tradição, das Técnicas, da Ciência, da Sociedade e da História.”²

Para além deste capítulo introdutório, que tem como finalidade descrever e estabelecer algumas características gerais relacionadas com a revitalização da Aldeia do Colmeal, esta dissertação é composta por mais cinco capítulos.

O capítulo dois descreve-nos as características gerais de Figueira de Castelo Rodrigo.

O capítulo três aborda intervenções feitas em Aldeias Históricas, em Portugal, quais as políticas de intervenção preparadas e quais os objetivos atingir.

O capítulo quatro descreve o que aconteceu ao Colmeal para culminar no abandono, através de pesquisas realizadas.

O capítulo cinco é referente ao projeto por nós realizado com o objetivo de revitalizar o Colmeal, transformando a Aldeia deserta numa Aldeia de Turismo Rural. Por fim, constam a conclusão, a bibliografia, as referências eletrónicas e a ficha técnica. Em anexo encontram-se as fichas de catalogação de casa edificado existente na Aldeia e todas as peças desenhadas.

1.4. Metodologia

Em primeiro, e antes de qualquer recolha e análise de informação, procedeu-se ao reconhecimento do local, através de fotografias e levantamentos do edificado. De seguida, foi desenvolvida uma primeira fase de recolha de informação sobre a Aldeia do Colmeal, a sua história, o processo em tribunal e o seu “fim” até aos dias de hoje. Após a pesquisa bibliográfica constituída por, livros, artigos, revistas e bancos de imagens selecionou-se a informação relevante para o tema em questão. Com base nestes pontos, foi possível desenvolver uma proposta de revitalização para a Aldeia do Colmeal.

“A arquitectura hoje tem pouco a ver com os estilos, a arquitectura é um acto plástico para além do facto utilitário, é o jogo sábio, magnífico dos volumes banhados pela luz.

A arquitectura e o urbanismo são o espelho fiel da sociedade, os edifícios são os documentos que deixamos, mas deveremos atingir uma maturação. Nos momentos de transição, grande parte da arquitectura está nos projectos que merecem tanta atenção como o objecto construído.”³

²Viollet-Le-Duc, Par M. - *Essai Sur L'Architecture*. Paris: Librairie D'Architecture de Bance, Éditeur, 1854. p. 166.

³ Le Corbusier - *Vers une Architecture*. Paris: Flammarion, 2005. p. 57.

Capítulo 2 - Contexto

2.1. Figueira de Castelo Rodrigo

Localiza-se no quadrante nordeste do distrito da Guarda, na Região Centro, na Beira Interior norte, em pleno coração da região do Riba Côa.

O concelho é composto por 17 freguesias: Algodres, Almofala, Castelo Rodrigo, Cinco Vilas, Colmeal, Escalhão, Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Freixada de Torrão, Mata de Lobos, Penha de Águia, Quinta de Pero Martins, Reigada, Vale de Afonsinho, Vermiosa, Vilar de Amargo, Vilar de Torpim, dispersas por uma área de 508.72 Km².

É delimitado pelo rio Douro e Vila Nova de Foz Côa e Freixo de Espada à Cinta a norte, pelo rio Águeda e Ribeira de Tourões a este, que o separam de Espanha, pelo concelho de Pinhel a oeste e a sul e, por fim, pelo concelho de Almeida a sul. Destaca-se na sua paisagem a serra da Marofa com 977 m de altura.



Fig. 1 - Freguesias de Figueira de Castelo Rodrigo.

2.1.1. Orografia

As altitudes médias desta zona oscilam entre os 620 e os 750 metros, atingindo a sua maior expressão no cume da serra da Marofa, com os seus 977 m, e a menor em Barca de Alva com 142 m (no rio Douro, 120m.)

Do sistema montanhoso é destacável o cabeço de Castelo Rodrigo, com 821 m, e a serra de Nave Redonda com 776m.

2.1.2. Variação da altitude por freguesias

Freguesias	Altitudes (metros)
Algodres	515
Almofala	647
Castelo Rodrigo	821
Nave Redonda	658
Cinco Vilas	625
Colmeal	539
Bizarril	510
Milheiro	475
Luzelos	525
Escalhão	614
Barca d'Alva	142
Escarigo	586
Figueira de Castelo Rodrigo	727
Freixeda do Torrão	587
Mata de Lobos	640
Penha de Águia	620
Quintã de Pêro Martins	520
Reigada	652
Vale de Alfonsinho	525
Vermiosa	654
Vilar de Amargo	636
Vilar Torpim	641

2.1.3. Hidrografia

O concelho de Figueira de Castelo Rodrigo é delimitado, a norte pelo rio Douro, a este pelo rio Águeda e a ribeira de Tourões, a sul e Oeste pelo rio Côa. Outro curso de água de menor expressão é a ribeira de Aguiar, que atravessa o concelho na direção noroeste.

O rio Côa, com um comprimento de 130 km, nasce na serra das Mesas, nos Fóios, freguesia do concelho do Sabugal e corre no sentido sul-norte, desaguardo na margem esquerda do rio Douro, junto a Vila Nova de Foz Côa.

O rio Águeda, também nasce na serra das Mesas, próximo da localidade espanhola de Navasfrías, possui uma extensão aproximada de 130 km e desagua igualmente no rio Douro, junto à freguesia de Barca de Alva.

A ribeira de Tourões nasce em Nave de Haver e é afluente do rio Águeda desaguardo num local situado perto dos limites entre as freguesias de Escarigo e Almofala.

A ribeira de Aguiar, é mais um afluente do rio Douro e nasce no concelho de Almeida, perto de Vilar Formoso.

2.1.4. Clima

Devido às questões da orografia, com uma bipolaridade forte do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, em termos climáticos, podemos dividir o território em três tipos diferentes.

Assim, temos uma zona de terra quente na faixa setentrional constituída pelos vales e encostas abrigadas do Douro e dos cursos inferiores do Côa e do Águeda, com uma altitude abaixo dos 500 m, com Invernos moderados e Verões extremamente quentes e secos. A zona fria, com uma altitude média de 700 m, constituída pelas vertentes da serra da Marofa, onde os Invernos são frios e longos e os Verões bastante quentes. A transição entre estas duas zonas é gradual, pelo que se considera que entre elas se interpõe uma terceira zona intermédia designada de zona de transição.

2.1.5. Flora

As principais explorações do concelho são a vitícolas e oleícolas, pelo que a videira e a oliveira são as plantas predominantes da sua flora agrícola cuja zona de maior implantação é a zona do Douro com um clima continental de feição mediterrânica e solos derivados do xisto e uma paisagem natural de vales íngremes há muito modificada e transformada em socalcos, onde a figueira e a amendoeira adquire aí também alguma expressão.

Nas arribas do vale do Águeda aquelas culturas coexistem com uma vegetação natural constituída por bosques de zimbro e por azinheiras, enquanto na área mais plana que estende para sul, em locais marcadamente mediterrânicos, proliferam azinhais e sobreirais de mistura com zimbros, e, em locais mais planos que se estende para sul, em locais marcadamente mediterrânicos, proliferam azinhais e sobrais de mistura com zimbros, e, em locais temperados existem carvalhos. O pinheiro e, com menor expressão, o castanheiro são outros exemplos da cultura arvense e distribuem-se um pouco por todo o restante espaço do concelho, formando algumas manchas florestais distintas, à exceção da área constituída pelas freguesias de Vale de Alfonsinho, Algodres e Vilar de Amargo, devido a um solo constituído por uma zona granítica mais expressiva.

Das espécies arvenses existentes no concelho cabe ainda apontar as árvores de fruto, designadamente a pereira, o pessegueiro, a macieira e o marmeleiro, com maior representatividade no extremo nordeste, nomeadamente em Escalhão; e a laranjeira, na região de Barca de Alva, onde o clima mediterrânico proporciona a implantação de extensos laranjais.

Relativamente às espécies botânicas arbustivas encontramos a giesta, a esteva, a urze e o tojo. Existe ainda uma grande variedade de espécies herbáceas em estado selvagem que sobreviveram do primitivo manto vegetal natural.

2.1.6. Fauna

Os animais domésticos, de um modo geral, são comuns aos que existem no resto do país, sendo na fauna selvagem que o concelho de Figueira de Castelo Rodrigo merece referências especiais. As principais espécies que aqui se distinguem são a perdiz-vermelha, a rola-brava, o pombo-bravo no que respeita à avifauna; o coelho e a lebre, no que toca aos mamíferos.

Assim, o território é constituído por um conjunto de espécies muito distintas: de aves (aquáticas, rupícolas, florestais, estepárias), répteis, anfíbios e como não podia deixar de ser por uma quantidade de mamíferos.

No parque Natural do Douro existem um conjunto de espécies de peixes muito significativas e variadas.

Capítulo 3 - Aldeias Com História

Realizámos esta pequena pesquisa, porque achámos que seria interessante conhecermos como foi feito em Portugal o processo de reabilitação de algumas aldeias emblemáticas no nosso país, assim, como poderia ser também aos nossos olhos adaptado um programa ao Colmeal que a seguir iremos referir. Contudo, não aprofundámos em particular caso a caso.

3.1. Introdução

Tem-se verificado nas últimas décadas, em Portugal, uma grande preocupação na requalificação e recuperação das aldeias pertencentes ao mundo rural. Aldeias recheadas de história e riqueza, são objeto de valorização e tornam-se pontos fulcrais na estratégia de desenvolvimento das áreas rurais envolventes.

Foram então, lançados alguns programas que visavam a recuperação de diversas aldeias esquecidas no interior do país, como o PAH (Programa das Aldeias Históricas de Portugal) e o PAX (Programa das Aldeias de Xisto).

Assim, procurava-se valorizar os lugares e a sua memória, bem como o imenso património construído, potenciar os seus recursos naturais, culturais e divulgar os espaços esquecidos, cuja marca ainda perdura no território.

Pretendia-se então desenvolver políticas de intervenção que permitissem reverter a situação atual de decadência nos territórios, devido ao constante processo de abandono demográfico. Fazendo uma síntese, esta atitude inovadora pretendia, dinamizar diversos ambientes diferenciados tais como:

- Recuperação de infraestruturas, do património construído;
- Requalificação urbanística, animação económica, cultural e social, no sentido de melhorar as condições de vida das populações;
- Expansão e valorização do turismo através dos recursos endógenos particulares de cada aldeia;
- Maximização de sinergias entre as diferentes aldeias fazendo-as funcionar em rede de forma a haver uma maior promoção e divulgação de um território mais amplo e diversificado de potencialidades.

Estes programas foram coordenados pela CCDRC (Comissão Coordenadora e Desenvolvimento da Região Centro) e suportados financeiramente pelo FEADER (Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural), pelo Orçamento Geral do Estado, Orçamentos Municipais e através de investidores privados.

3.2. Programa das Aldeias Históricas (PAH)

"O Programa de Recuperação das Aldeias Históricas de Portugal é uma das intervenções mais emblemáticas no património rural do interior do país. Partindo da identificação de um conjunto dos melhores exemplos simbólicos daquilo que são as nossas mais profundas e remotas raízes aldeãs - enquanto património construído, enquanto ambientes de vida, enquanto capital de culturas partilhável pelas memórias individuais e coletivas de todos nós, este programa veio mostrar que há lugar no nosso país para uma política ativa de qualificação do "urbanismo rural", recuperando as aldeias enquanto conjuntos simbólicos e materiais, através da valorização dos seus edifícios, dos seus monumentos, das suas praças e largos"⁴.

Foi delegado na CCDRC por ação da tutela governamental, o papel de coordenar o referido Programa de Recuperação das Aldeias Históricas que tinha como objetivo, superar os efeitos negativos da degradação das construções e do despovoamento, contribuindo para reafirmar a identidade do interior, reforçando também a autoestima das populações em 12 localidades beirãs: Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Piódão, Sortelha e Trancoso.

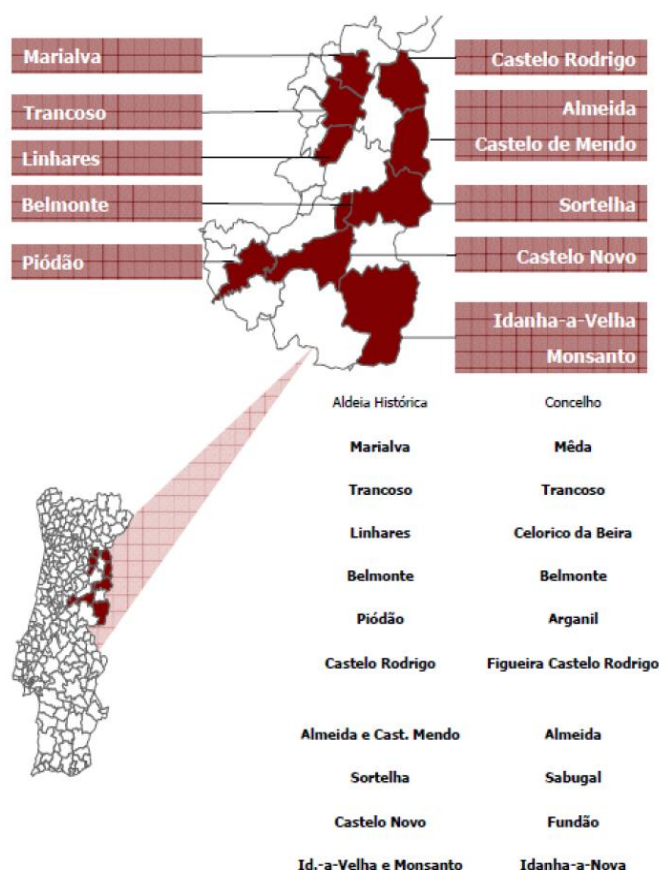


Fig. 2 - Programa de Recuperação das Aldeias Históricas.

⁴ Comissão de Coordenação da Região Centro. *Programa das Aldeias Históricas de Portugal, Beira Interior*. 2ª Edição, Setembro de 1999.

Este programa tem como objetivo principal a valorização do património rural existente no interior do país que, pelo seu interesse patrimonial e paisagístico, através de intervenções tais como:

- “Qualificação dos espaços públicos - pavimentação e arranjo das praças (pelourinhos), largos e ruas; colocação de mobiliário urbano adequado;
- Valorização do património - recuperação de muralhas (conservação e limpeza), de alguma arquitetura militar, do edificado (intervenção nas fachadas e telhados), conservação de solares ou casas de interesse, igrejas, etc.;
- Dinamização cultural - criação de espaços de museu e venda de artesanato;
- Dinamização turística - criação de postos de turismo e de alojamento, como a construção de pousadas ou a adaptação de edifícios para turismo de habitação rural;
- Melhoria das acessibilidades - melhoramentos das estradas de acesso, de forma a facilitar a chegada a estes locais por vezes muito isolados e, dentro das aldeias, criando constrangimentos à circulação viária;
- Dotação de infraestruturas - remodelação de redes de abastecimento de águas, de esgotos domésticos e pluviais, enterramento das infraestruturas elétricas e de comunicações, tornando assim as aldeias mais habitáveis⁵”.

O Programa de Recuperação das Aldeias Históricas iniciou-se em 1987, com as aldeias de Almeida (vila), Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Piódão e Sortelha e em 2003 foram acrescentadas a este projeto as aldeias de Belmonte e Trancoso (vila na altura, e agora cidade).

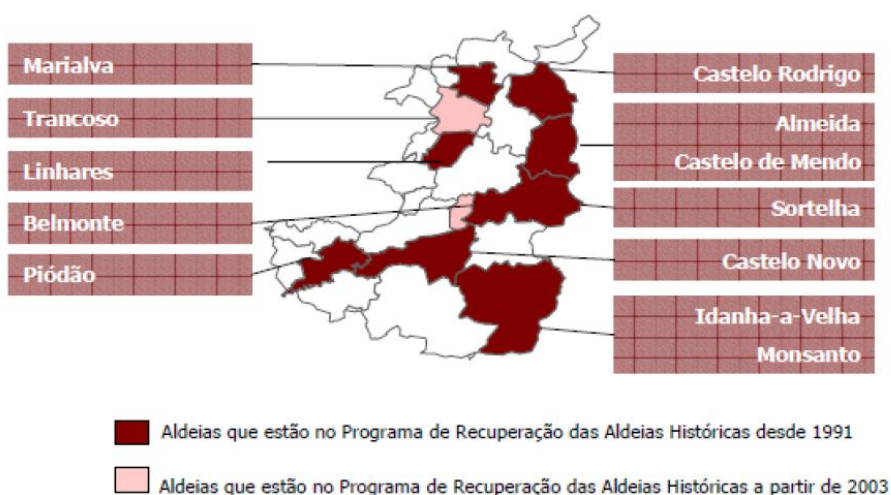


Fig. 3 - Programa de Recuperação das Aldeias Históricas.

⁵ Moreira, M., Camarinhas, C., Paulo, L. *Património Rural em Portugal - Um contributo para o desenvolvimento sustentado do interior português*. Projeto de Investigação, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Junho de 2004.

A seleção das 10 primeiras aldeias ocorreu à data de preparação do II QCA (Quadro Comunitário de Apoio) que vigorou entre 1994-1999, através do PPDR (Programa do Potencial de Desenvolvimento Regional). Surgiu então o PAH, e estava assim criada a RAH (Rede das Aldeias Históricas), com as 10 primeiras aldeias atrás referidas. Com o financiamento deste II QCA, foi atribuído um volume de investimento global de 25 milhões de Euros, cuja distribuição pelos respetivos Planos de Aldeia foi feita em função da dimensão física do aglomerado, do grau de carência em infraestruturas básicas, e da densidade e estado de conservação do património histórico-cultural existente. Devido ao desafio e ambição subjacentes a este projeto, não foi possível concluí-lo durante aquele período de programação, pelo que no QCA III o projeto continuou a merecer um forte investimento público, agora através dos meios da AIBT (Ação Integrada de Base Territorial) de Dinamização das Aldeias, onde se destacava a RAH.

A escolha destas dez aldeias foi feita através de um leque de critérios que abrangiam; a existência de um património arquitetónico, arqueológico história e/ou ambiental classificado; uma unidade de valor do tecido urbano e construído; um interesse histórico-cultural; uma integração em percursos turísticos ou culturais; um elevado índice de desertificação e deficiência de infraestruturas turísticas.

Cada uma destas aldeias possuem um património histórico único, edificado que muito interessa preservar e valorizar.

O projeto centrou-se na recuperação do património edificado de reconhecido valor histórico, patrimonial e cultural, de modo a que este fosse dinamizado pelo seu uso turístico e, através das suas atividades, visava-se assim a promoção do desenvolvimento socioeconómico da região, contribuindo para a retenção das camadas mais jovens no território, de modo a serem dinamizados pelo uso turístico.

Começou por ser inicialmente implementado um conjunto de planos de intervenção, com a realização de obras públicas de carácter infraestrutural, recuperação de fachadas e de coberturas das habitações, arranjos urbanísticos, melhoria das acessibilidades e beneficiação de monumentos, como também o reforço das bases empresariais regionais e locais, o combate ao desemprego, a promoção do ambiente e o melhoramento da qualidade de vida e, posteriormente, tornou-se fundamental juntar-lhes duas outras novas dimensões capazes de criar sustentabilidade ao projeto, como a animação socioeconómica, envolvendo atores locais através de associações de desenvolvimento local existentes, em que cada aldeia dispõe de um plano de animação para concretizar e a promoção turística no mercado nacional e internacional, que só foi possível ser iniciada, numa fase mais avançada do projeto, aquando da concretização dos trabalhos materiais.

A evolução deste projeto no futuro passa por assegurar uma maior participação e dinamização dos recursos e agentes regionais, públicos e privados, na exploração do "produto turístico" lançado pela RAH e consagrá-lo como um produto turístico nacional de referência ao nível dos

novos destinos do interior. Perante este cenário surgiu, no final de 2008, a ADTAHP (Associação de Desenvolvimento Turístico das Aldeias Históricas de Portugal), com o objetivo de desenvolver o turismo da RAH.

3.3. Programa das Aldeias de Xisto (PAX)

Após a experiência conseguida com o PAH surgiu, em 2001, no PORC (Programa Operacional da Região Centro) a medida II.6 do Eixo Prioritário II (componente FEDER), fundamental no lançamento de um novo programa específico para as aldeias de xisto (de que resultará a constituição da “Rede de Aldeias do Xisto”), denominado de PAX (Programa das Aldeias de Xisto). Esta medida, inserida na AIBT-PI (Ação Integrada de Base Territorial do Pinhal Interior), apresentava como linhas de ação: requalificação da capacidade de alojamento turístico; apoio ao empreendedorismo turístico; infraestruturas e equipamentos que promovam potencialidades; dinamização turística do território; acessibilidades locais e regionais.

A origem das Aldeias do Xisto provém de uma característica geológica comum entre elas, o xisto, que como rocha metamórfica era o elemento identificador de todo o território. Com isto, o principal objetivo do PAX era a constituição de uma RAX (Rede de Aldeias do Xisto) capaz de criar e afirmar uma “marca” de identidade para o território que agregasse os seus recursos endógenos.

Surgiu assim o projeto da RAX, um projeto de desenvolvimento sustentável de âmbito regional, liderado pela ADXTUR (Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto) em parceria com 16 Municípios da Região Centro e com mais de 70 operadores privados que atuam no território.

Este programa de características ligadas ao património cultural, social e arquitetónico patente na região, tomou duas vertentes. A primeira, da requalificação física dos edifícios, espaços públicos e recuperação de imóveis públicos e privados (arranjo de fachadas, coberturas, substituição de portas, janelas e respetivas caixilharias), bem como de infraestruturização (abastecimento de água, saneamento, eletricidade, telefone) e a sinalização (de acesso, de informação, de identificação), sempre preservando a autenticidade e a identidade dos lugares e a segunda vertente ligada ao aspeto da formação, dando competências em áreas como o atendimento turístico, gastronomia, tecelagem, pedreiros de xisto, entre outras.

O objetivo prendia-se com melhorar a qualidade de vida dos residentes, preservar as aldeias como patrimónios culturais e promover as suas atividades económicas. Como refere o documento elaborado pela CCDRC 2000/2006, tratava-se da “requalificação de um conjunto de aldeias serranas (recuperação de coberturas e fachadas, requalificação de espaços sociais,

instalação de mobiliário urbano, recuperação de pavimentos de ruas e calçadas, infraestruturção com redes básicas) que sustente uma rede de sítios de interesse turístico”⁶.

Segundo a dissertação de Luís Santos, o programa pretendia assim envolver três vertentes de intervenção distintas mas interdependentes, a vertente social, a patrimonial e a turística:

- “Vertente Social - envolver os residentes no processo, melhorar a sua qualidade de vida, fixá-los na região, elevar a sua autoestima, atrair novos residentes, qualificar os residentes para um melhor relacionamento com o exterior e potenciar as pequenas economias locais;
- Vertente Patrimonial - considerar o conjunto edificado “aldeia” como um valor patrimonial em si, considerar como “valor patrimonial” o construído e o imaterial e enquadrar/ligar a aldeia no meio envolvente (património natural);
- Vertente Turística - fomentar o surgimento de unidades de alojamento (TER), criar elementos informativos na aldeia e motivar a atenção de agentes turísticos (empresas de animação) para a constituição de uma Rede das Aldeias do Xisto como “marca” de identidade do território.⁷

Estavam assim definidos os desafios a vencer, sintetizados em quatro grandes vetores:

- Crescimento e sustentabilidade desta marca turística emergente “Aldeias do Xisto” no mercado nacional e internacional e todas as submarcas associadas (ex.: lojas, praias, percursos verdes);
- Utilizar a notoriedade da marca para, à volta dos recursos endógenos, atrair, orientar e valorizar novos investimentos e investidores;
- Apostar fortemente na inovação, valorização humana, e cooperação como forma de criar novos serviços, novas atrações, novas oportunidades de investimento, concentrar capital de conhecimento no território e equacionar formatos e soluções específicas para o Pinhal Interior;
- Reforçar e melhorar o sistema de governança da parceria local e aprofundar e qualificar o modelo de cooperação técnica previsto⁸.”

⁶ CCRC - Comissão de Coordenação da Região Centro. *Programa Operacional da Região Centro 2000/2006*. Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra, 2001.

⁷ Santos, Luís Manuel da Silva - *Reabilitação do Património Rural - O Caso de Quintandona, Penafiel*. Dissertação de Mestre em Engenharia Civil, FEUP, Porto, 2013. p. 36.

⁸ Santos, Luís Manuel da Silva - *Reabilitação do Património Rural - O Caso de Quintandona, Penafiel*. Dissertação de Mestre em Engenharia Civil, FEUP, Porto, 2013. p. 36.

As 24 Aldeias do Xisto abrangidas pelo programa, espalhadas por catorze concelhos do Pinhal Interior, foram:

- Água Formosa - Concelho de Vila de Rei;
- Aigra Nova - Concelho de Góis;
- Aigra Velha - Concelho de Góis;
- Álvaro - Concelho de Oleiros;
- Barroca - Concelho de Fundão;
- Benfeita - Concelho de Arganil;
- Candal - Concelho da Lousã;
- Casal Novo - *Concelho de Arganil*;
- Casal de São Simão - Concelho de Figueiró dos Vinhos;
- Cerdeira - *Concelho de Arganil*;
- Chiqueiro - Concelho da Lousã;
- Comareira - Concelho de Góis;
- Fajão - Concelho da Pampilhosa da Serra;
- Foz do Cobreão - Concelho de Vila Velha de Ródão;
- Ferraria de São João - Concelho de Penela;
- Figueira - Concelho de Proença-a-Nova;
- Gondramaz - Município de Miranda do Corvo;
- Janeiro-de-Cima - Concelho do Fundão;
- Janeiro de Baixo - Concelho da Pampilhosa da Serra;
- Martim Branco - Concelho de Castelo Branco;
- Pedrógão Pequeno - Concelho de Sertã;
- Pena - Concelho de Góis;
- Sarzedas - Concelho de Castelo Branco;
- Talasnal - Concelho da Lousã.

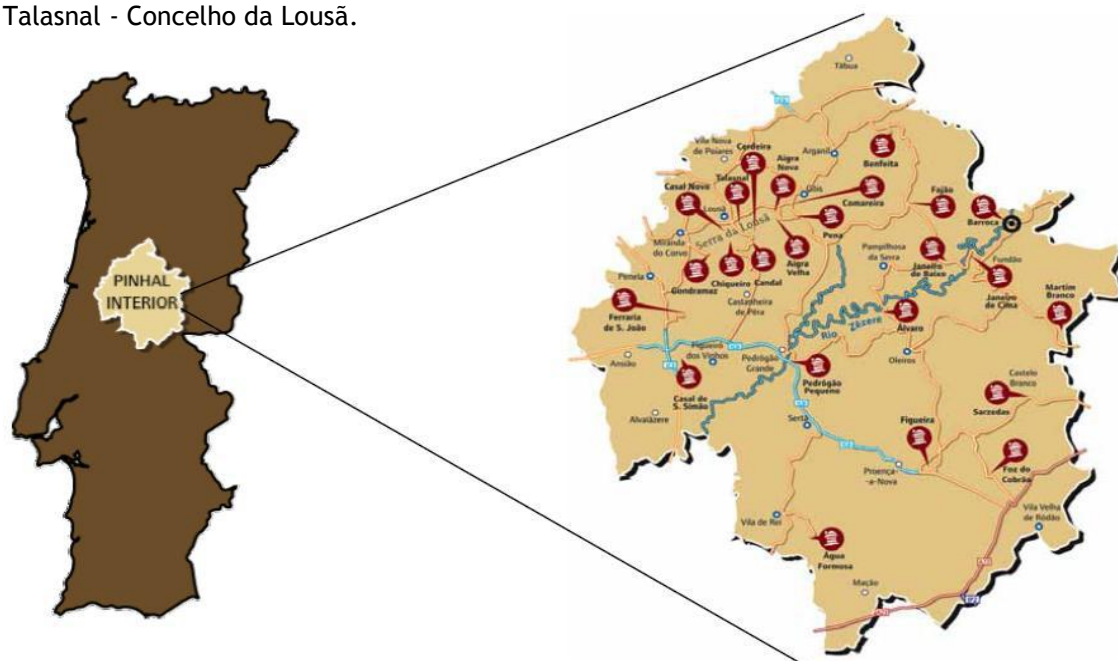


Fig. 4 - Aldeias de Xisto do Pinhal Interior.

Estes Municípios organizaram a candidatura destas aldeias ao programa e ao respetivo financiamento, através da elaboração de "Planos de Aldeia" (documento que visa caracterizar a aldeia e sua inserção, apresenta os motivos que fundamentam a escolha e estabelece as linhas orientadoras da intervenção correspondente) por uma equipa técnica local para o efeito e foram aprovados pela CCDRC.

O estudo de todas as intervenções nas aldeias foi centrado nas pessoas e, embora houvesse uma estratégia de desenvolvimento apoiada no aproveitamento turístico, o objetivo final era a melhoria das condições de vida das populações residentes, a sua fixação, com a criação de emprego e a qualificação dos recursos humanos para um melhor relacionamento com o exterior, por forma a criar uma nova base económica, passando pela recuperação das tradições culturais, pela valorização do património arquitetónico e ambiental e pela dinamização das artes e ofícios tradicionais, envolvendo a participação ativa dos habitantes, associações locais e autarquias.

O "Programa das Aldeias do Xisto" tinha como vetores fundamentais a recuperação das tradições, a valorização do património arquitetónico construído, a dinamização das artes e ofícios tradicionais e a defesa e preservação da paisagem envolvente.

Este importante trabalho, promovido pela CCDRC, potenciou o seu objetivo principal que era melhorar a qualidade de vida das populações das aldeias, elevando os seus níveis de autoestima, qualificando o seu tecido social e agregando-as num processo participativo de desenvolvimento.

As Aldeias do Xisto transformaram-se ou tentaram transformar-se em polos de atração turística suficientemente dinâmicos ao ponto de terem estimulado a criação de uma nova base económica de captação de visitantes e de investimento privado. O desafio dos próximos tempos consiste em conseguir a penetração desta rede no mercado nacional e internacional com o intuito de gerar fluxos turísticos ajustados à capacidade de carga deste destino, sistematizando a procura em torno da especificidade do produto Aldeias do Xisto, e afirmando este território como uma marca de excelência no universo da oferta Turística Nacional.

Capítulo 4 - Aldeia do Colmeal



Fig. 5 - Vista geral do Colmeal, (data desconhecida).

“A morte, que não poupa nenhum ser vivo, atinge também as obras dos homens. É necessário saber reconhecer e discriminar nos testemunhos do passado aquelas que ainda estão bem vivas. Nem tudo que é passado tem, por definição, direito à perenidade; convém escolher com sabedoria o que deve ser respeitado. (...)”⁹

4.1. Introdução

A aldeia do Colmeal, freguesia do atual concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, situa-se no que em tempos muito remotos e até a algumas dezenas de anos se chamavam de “terras de Riba Côa”, por as atravessar e delimitar territorialmente o rio Côa correndo de sul para norte.

Não vamos analisar qual a importância que este aglomerado populacional teve como núcleo habitado ao longo da história, interessa-nos sim, perceber e esclarecer o que possa ter levado à desagregação deste território e, mais tarde, à sua desertificação e estado de ruína em que nos dias atuais se encontra.

Da consulta e leitura mais atenta aos fatos mais relevantes para a sua história, depreende-se que este lugar teve a sua importância.

⁹ Le Corbusier - *Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1989. Comentários ao item 66.

4.2. Um pouco de História



Fig. 6 - Vista do Colmeal, (data desconhecida).

Desde o Paleolítico as terras em questão motivaram o Homem para a sua utilização e habitação, ali deixando sinais da sua presença; apesar de só na Idade Média, com alguma certeza o início do século XI¹⁰, as mesmas, natural e logicamente as que originaram mais tarde as terras do Colmeal, passaram por acontecimentos e relatos dignos de ficar na nossa história, baseados em alguns *cronistas, historiadores, escritores, etc.*

A referência mais antiga que se conhece no local surge no século XII, 1183, através de documentos papais e leoneses, antes da referência portuguesa. O rei de Leão D. Fernando II “doou” esta aldeia e outras à ordem de S. Julião do Pereiro, que seriam durante muitos anos sua propriedade.

Após o tratado de Alcanizes, os bens dessa ordem passaram, para a ordem de Alcântara, em 1297 as terras da Ribeira Côa, são integradas na coroa Portuguesa. As disputas com os Castelhanos, despovoaram os lugares da serra, e D. Afonso V deu-lhe Carta de Couto, terra que não pagava impostos por pertencer a um nobre.

Com o nome de Colmeal das Donas, em 1540, era senhorio deste povo João Gouveia. Com a morte deste fidalgo, passa a pertencer em 1476 a Vasco Fernandes de Gouveia, e, com a morte deste, passa a ser, Fernão Álvares Cabral e Dona Isabel Gouveia, pais de Pedro Álvares Cabral. Assim, acredita-se que família e o próprio Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, tenham aqui vivido e passado algum tempo, como testemunho dessa passagem, temos a casa dos Cabrais com o brasão, esculpido numa pedra avermelhada, representando duas cabras. Não há, no entanto qualquer prova que o famoso descobridor tenha nascido no Colmeal, como refere alguma tradição oral na região; a historiografia refere, que terá nascido em Belmonte entre 1460 e 1470, época em que se pensa que foi construída a igreja do Colmeal.

¹⁰Como o refere o Professor José Ignácio de la Torre Rodriguez na, “A Comarca de Ribacôa no Tratado de Alcañices”.

Os condes de Belmonte, acabam por vender o foro do Colmeal, e os novos proprietários mantinham os direitos que remontam ao tempo das sesmarias, assim, as gentes do Colmeal, habituados à servidão, continuavam a pagar a renda.

O fim trágico do Colmeal surge nos meados do século XX, quando pertencia a Rosa Cunha e Silva, como consta na escritura de 1912.

O feitor desta nova senhoria, subia a renda a seu belo prazer, que atingia valores insuportáveis. Cada vez mais revoltados com a situação, os habitantes recusaram-se a pagar, e como resultado, tiveram que travar uma longa batalha judicial.

O processo começou, com a ação de despejo, para o feitor e caseiro da casa dos Cabrais, em 1956, acusado de deixar de pagar a renda à senhoria, mas no ano seguinte, todos os moradores passaram a categoria de subarrendatários do mesmo e tratados de igual modo.

Assim, em 1957 chegaram à sentença final, que culmina dia 8 de julho, com a expulsão de todos os moradores.

Ironia do destino é que esta proprietária das terras (Rosa Cunha e Silva), que moveu a ação de despejo contra os habitantes da aldeia, alegando que os mesmos não lhe pagavam as rendas, devido aos trabalhos agrícolas ali desenvolvidos, acabou por ter que vender as terras ao próprio advogado Manuel Vilhena, como forma de pagamento pelos serviços prestados. Segundo consta Manuel Vilhena “baralhou” as leis e transformou a aldeia numa quinta privada.

Em 1985 o Colmeal foi elevado ao estatuto de Imóvel Classificado, que de nada lhe valeu, pois continuou o abandono e degradação dos edifícios existentes.

Anos mais tarde, é feita uma sociedade, tornando-se assim a aldeia propriedade de Manuel Vilhena, Miguel Crespo e Jerónimo Leitão. Entretanto, Manuel Vilhena e Miguel Crespo venderam as suas partes a Jerónimo Leitão, que passou assim a ser o único dono da aldeia, isto é, de cerca de 1000 hectares. Depois do 25 de Abril, vendeu 400 hectares à Portucel e arrendou, por 25 anos as partes mais altas da serra da Marofa à Soporcel.

Hoje, o Colmeal é propriedade de João Leitão que herdou de seu pai Jerónimo Leitão.

Ainda até há bem pouco tempo¹¹, o Colmeal, era considerada sede de freguesia (hoje designa-se por União das freguesias de Colmeal e Vilar Torpim).

¹¹Com a reforma administrativa nacional de 2013 desapareceu como freguesia.

4.3. Expulsão das Pessoas



Fig. 7 - Vista do Colmeal, 2013.

No dia 8 de Julho de 1957, perto das 10 horas da manhã, um destacamento da Guarda Nacional Republicana (GNR), composto por 25 praças e 3 oficiais, isto é, um militar para cada dois habitantes, rompem pela aldeia dentro, e em, poucas horas expulsam 14 famílias de cerca de 60 habitantes pobres, que ali viviam, desde gerações e gerações de lavradores e pastores.

“ «Andaram naquilo até à noite», lembra Albino Carvalho, em entrevista a Felícia Cabrita¹², que na altura tinha pouco mais de trinta anos e a «vida arranjada». A tarefa era executada por «dois homens que traziam as coisas de casa para a rua», e, «como a gente era muita», foi necessário o dia inteiro.”

Nada impediu as autoridades de rebentarem as portas das casas e levaram os poucos haveres desta gente simples, que se refugiou nos montes e aldeias próximas até encontrarem um novo rumo, muitos foram refazendo as suas vidas, no estrangeiro (Brasil e França), grandes cidades Porto e Lisboa, outros ficaram em aldeias vizinhas como Luzelos e Bizarril.

Entre os testemunhos e testemunhas daqueles que viveram esta tragédia, pensa-se existirem ainda cerca de 20 famílias, descendentes dos antigos habitantes do Colmeal, que ainda procuram recuperar a propriedade das casas que segundo eles, foram roubadas aos seus antepassados.

¹²Felícia Cabrita, Colmeal, Ecos da Marofa, edição de 10-05-2007.

Deste pequeno resumo, não queremos julgar ou marcar uma posição, tratando-se ainda hoje de um assunto muito sensível, que varias vezes andou nos tribunais do nosso país, e sem sabermos se já existe um desfecho definitivo. Mesmo assim, é impossível não nos questionarmos, visto que este acontecimento é único na história de Portugal, na segunda metade seculo XX.

Uma população foi expulsa coletivamente de uma localidade, sendo um povo inocente e indefeso. Como é possível, alguém ser expulso da sua terra, da terra onde nasceram e viveram os pais, avós... Perguntamo-nos ainda como é possível, um particular reivindicar para si posse de uma aldeia inteira, de uma povoação, das suas casas, ruas, da igreja e cemitério que se encontra à sua volta, é de facto incompreensível.

4.4. Características da Antiguidade à Atualidade



Fig. 8 -Igreja de São Miguel, (data desconhecida).

Com uma posição geoestratégica importante, por ficar no lado poente dos contrafortes da serra da Marofa e da mesma cordilheira que se alonga até ao rio Côa, permitia visionar a grande distância, sendo por isso um local para a fixação dos Monges Guerreiros de São Julião do Pereiro.

As serras e as fragas não só proporcionavam um importante campo de visão, de proteção e de abrigo, como também se tornavam um local privilegiado para a sedentarização do ser humano, como testemunham as pinturas e gravuras rupestres, recentemente descobertas; assim vem provar-se que o homem por ali deambulou e se fixou, desde tempos mais remotos.

Situam-se junto à povoação nos enormes penedos que ladeiam a ribeira do colmeal e tratam-se representações esquemáticas de antropomorfos, datando o 3º milénio a.C.

Sabe-se que, em 1527, a aldeia teria 15 moradores oficiais, sem contar com camponeses e pastores das áreas

envolventes, no entanto no ano seguinte o número sobe para cerca de 50 habitantes e nos dois séculos seguintes a população continua a aumentar. No século XX essa tendência será invertida.

Este local por ser muito rico em recursos hídricos, proporcionou ao longo de muitos séculos, os recursos necessários para a fixação do homem, ao mesmo tempo rico em animais selvagens, em peixe proveniente do rio Côa e das ribeiras que o cercam. E apesar de não ser uma grande aldeia, o Colmeal viveu durante séculos com a agitação das crianças, o ruído dos carros de bois, o barulho dos rebanhos e os tradicionais cantares dos homens e mulheres enquanto se encontravam a exercer os seus trabalhos agrícolas.

As características topográficas e naturais do Colmeal contribuíram para que fosse considerada uma zona bastante produtiva, quando comparada com a generalidade da vizinhança. Nestes terrenos produzia-se muito centeio e trigo, devido a forte abundância de água, (por nós já referido), permitia igualmente uma boa produção hortícola e alguma vocação para a pastorícia de ovinos e caprinos. As amendoeiras e oliveiras, tão características desta zona, também estavam presentes na aldeia, embora hoje cada vez mais substituídas pelo eucalipto. Contudo, as mais afamadas produções deste local, foram o mel que se encontra na origem do próprio nome da povoação, os pimentos, as rolas e as cebolas.

Nos dias de hoje o Colmeal encontra-se à completa ruína, coberto de vegetação. Além da paisagem que nos esmaga com o seu silêncio e beleza natural, salienta-se ao observador o conjunto de ruínas que se aglomeram no sopé da colina e se organizam em diversos quarteirões, embora com uma configuração muito irregular.

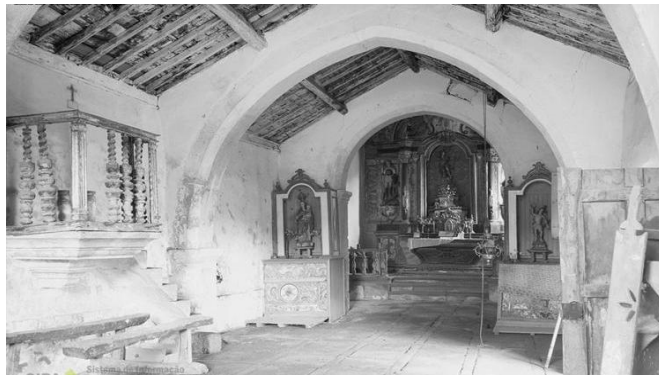


Fig. 9 - Interior da Igreja de São Miguel, (data desconhecida).



Fig. 10 - Interior da Igreja de São Miguel, 2013.



A generalidade das ruínas corresponde a antigas e tradicionais habitações de piso térreo, predominando a arquitetura tradicional de alvenaria em xisto, sem revestimento, com o esporádico recurso ao granito em componentes estruturais, como é o caso das padieiras, ombreiras e cunhais dos edifícios.

Os palheiros apresentam uma configuração

Fig. 11 - Casa dos Cabrais e respetivo brasão, 2013.

muito semelhante às habitações, embora não tivessem telha na sua cobertura, era constituída por outros materiais, como a palha.

Do conjunto já referido da povoação, salienta-se a Igreja Medieval, dedicada a S. Miguel com origem provável no século XV, que denota uma clara inspiração Românico-Gótica, com as paredes danificadas, sem cobertura e com a invasão da vegetação, ainda se consegue ver pequenos pedaços cada vez mais escassos, dos frescos que a decoravam, como o caso de uma cena do Adão e Eva no paraíso. Salienta-se também, a casa dos Cabrais, que é depois da Igreja, o edifício de maior destaque no conjunto dos edifícios. É das construções mais cuidadas que se destaca no conjunto de edifício da povoação, sobre a porta de entrada principal sobressai o brasão dos Cabrais, esculpido numa pedra avermelhada, representando duas cabras.



Fig. 12 - Vista, Casa dos Cabrais (data desconhecida).

Capítulo 5 - Revitalização: da Ruína ao Turismo

Em relação ao Plano Diretor Municipal existente relativo ao Colmeal, devido aos acontecimentos já referidos, revela-se sem informação suficiente. Assim, tentamos respeitar a ruína existente o mais possível e não projetar construções novas nem exceder cêrceas.

5.1. Enquadramento geral

A povoação é constituída por um conjunto de ruínas que se aglomeram no sopé da montanha e se organizam sob uma configuração irregular. Na sua maioria correspondem a antigas e tradicionais habitações de piso térreo, predominando a alvenaria em xisto sem revestimento, com recurso esporádico ao granito nalgumas componentes estruturais, como é o caso das padieiras, ombreiras e cunhais.

Do conjunto da povoação salientam-se dois edifícios, a igreja e a casa dos Cabrais. A igreja, que terá sido construída no século XV e denota uma clara inspiração Românico-Gótica. A casa dos Cabrais é, depois da igreja, o edifício que mais se destaca, sobre a porta sobressai uma pedra talhada num material avermelhado, com o brasão dos Cabrais, representado por duas cabras alinhadas na vertical, casa esta, que se acredita ter sido frequentada por Pedro Álvares Cabral.

Existem ao todo 47 edificações, entre elas um edifício devoluto (que servia de apoio agrícola pertencente à junta de freguesia, de construção mais recente), a igreja já referida e 45 edifícios de habitação em ruínas dos quais um, a casa dos Cabrais encontra-se dividido em 4 edifícios.

Este conjunto de construções têm uma área construída de 2341.53 m² em, aproximadamente, 42 hectares (41223.7974 m²).

Desde o abandono da aldeia até à data não aconteceu nenhuma alteração ou construção, apenas o que o tempo e os anos alteraram.

5.2. Programa e metodologia adotada

*“ (...) o domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele (o património) agora compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjuntos de cidades, como mostra a ‘lista’ do Património Mundial estabelecida pela Unesco”.*¹³

¹³ Choay, Françoise - *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 12-13.

Ao observar os levantamentos, fotos e a aldeia em si *in loco*, surgiu de imediato no pensamento a história daquele povo, as pessoas a serem expulsas, a ficarem sem os seus pertences, a terem que recomeçar do zero em outro lugar; assim para preservar a identidade do local considerou-se importante preservar o mais fielmente possível àquelas ruínas. Visto que nelas está a história, a cultura e a identidade do povo que ali habitou durante gerações e gerações.

Deste modo, surge como fundamental recuperar e atribuir uma função a todas aquelas ruínas destinadas ao turismo rural. Assim, criou-se uma receção e uma casa para o caseiro, com o objetivo de receber as pessoas, viver ali e cuidar das necessidades diretas da aldeia.

A igreja de S. Miguel recuperou-se com a função original, de espaço de culto.

Já no caso da grande parte das ruínas foram divididas em dois grupos, as que tinham área e condições de serem habitáveis e as que não possuíam essas características; a essas apenas se colocou seixo rolado e, em alguns casos, acrescentaram-se árvores (ver Figura 13 - Planta Geral da Proposta), de modo a manter a ruína e criar espaços diferentes, espalhados pela aldeia.

As que possuíam condições, através de junção das mesmas, atribui-se-lhe a função de turismo de habitação, edificações preparadas e pensadas para proporcionar aos utilizadores todo o conforto e funcionalismo necessários a este tipo de serviço. Assim, podemos encontrar habitações onde se valorizou mais a área de lazer, como salas e o conforto dos quartos; em contrapartida as cozinhas não são na maioria de grande dimensão, são pensadas apenas para refeições rápidas durante a estadia. Como resultado, obtivemos 18 apartamentos, com tipologias variadas; um T0, sete T1 (sem contar com o apartamento destinado ao caseiro), seis T2 e quatro T3.

Como suporte e forma de dar viabilidade às construções, como temos apenas uma única estrada de acesso já existente, com recente intervenção e em boas condições, o que estava em falta e com poucas condições eram os acessos pedonais de ligação aos edifícios e que percorrem a aldeia em si; por este motivo procedeu-se ao aproveitamento das que existiam e criaram-se novos percursos. Houve também a necessidade de criar um parque de estacionamento localizado no ponto mais a norte da aldeia, com quarenta lugares, dos quais quatro são adaptados a pessoas com mobilidade condicionada.

Quanto à área envolvente, tentou-se manter o verde existente e preservar o ambiente natural, criando-se apenas áreas destinadas à produção de alimentos, pequenas hortas.

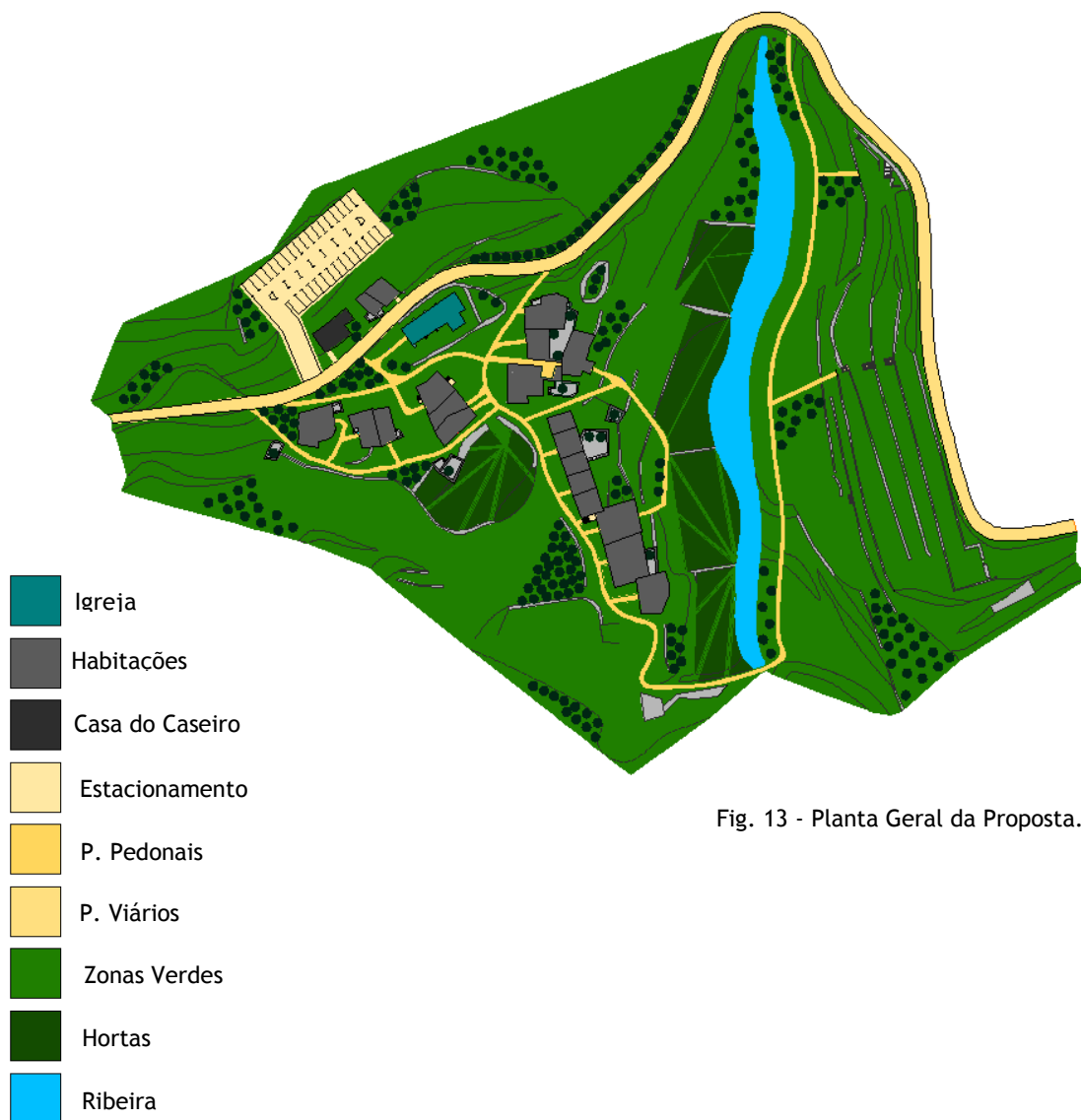


Fig. 13 - Planta Geral da Proposta.

5.3. Conceito

Nos dias de hoje existe a tendência para a valorização do ambiente e dos locais únicos, assim, abre-se uma janela de oportunidades para as áreas rurais, nomeadamente, para as aldeias históricas e as suas casas tradicionais.

O turismo surge como um sector com muito potencial para o desenvolvimento económico do meio rural. Para tal é preciso recuperar as aldeias e vilas do país, garantir uma correta gestão e planeamento do território e travar a destruição do meio rural. Áreas como o alojamento, os serviços, a valorização de produtos regionais, a agricultura biológica devem ser exploradas no sentido da criação de emprego e da fixação de pessoas, promovendo por isso, novas dinâmicas e estratégias de mercado.

A casa popular portuguesa, térrea ou de dois andares, (em granito, xisto ou taipa, rebocada e caiada, ou com o tosco à vista, com telhado de telha caleira de uma, duas, três ou quatro

águas, no cume de uma montanha ou numa planície) é fruto de muitas evoluções construtivas e arquitetónicas que passaram de geração em geração, herança que deve ser preservada.

No entanto, a casa de outros tempos, não responde às necessidades atuais, precisa de infraestruturas, de mais espaço, de isolamentos, ou seja, de ser reabilitada para níveis de conforto atuais para a sua utilização. A reabilitação destas casas deve também ter em atenção a sua arquitetura tradicional e a sua integração no espaço de modo a não as descaracterizar.

Estes motivos reunidos surgiram na base desta dissertação, o conceito surge na importância de preservar as nossas aldeias e devolver uma nova vida àquelas que em tempos a perderam.

5.4. Materiais

Estrutura - É mista de betão/metálica e por vezes na cobertura, em madeira, consoante as necessidades do edificado, e as suas dimensões dependem dos vários vãos.

Lajes - As lajes são aligeiradas, com a exceção das lajes das escadas que serão maciças. O reboco das lajes não se encontra à vista, derivado da fixação de tirantes de suporte e sustentação do teto falso em placas de gesso. Assim encontramos, 20 mm de pavimento em carvalho flutuante, camada de regularização 9 mm, Poliestirano extrudido tipo *floormate* 6cm, laje aligeirada 15cm e, por fim, teto falso tipo *pladur*.

Paredes Exteriores - São na sua maioria a preservação do já existente, alvenaria de xisto e onde não existia paredes, onde teve de se acrescentar, são paredes constituídas por 20 mm de reboco estucado, tijolo tradicional de 15 cm, 4 cm de isolamento (poliestireno extrudido “wallmate”), 4 cm de caixa-de-ar, novamente 15 cm de tijolo tradicional e por fim reboco estucado de 20mm.

Paredes Interiores - são maioritariamente novas, já que as existentes não estavam em condições, e não eram passíveis de se adaptar com as novas tipologias; assim temos, 20 mm de reboco estucado, tijolo tradicional de 15 cm e, para terminar, novamente reboco estucado de 20 mm.

Coberturas - Têm estrutura de madeira de pinho com isolamento térmico de 6 cm e revestidas a telha cerâmica de aba e canudo.

Revestimentos - Com exceção das instalações sanitárias e paredes das cozinhas, as restantes serão estucadas. No que toca às instalações sanitárias e paredes onde se encontram os móveis de cozinha serão em *Viroc Branco* de 20 mm, em pacas de 3 metros de comprimento, adaptadas às várias dimensões, tendo por isso uma estereotomia diversificada.

Pavimento - Os pavimentos dos diferentes edifícios são todos iguais e o mesmo é colocado em todas as divisões apesar de direcções distintas (ver desenhos de plantas), assim, utilizou-se pavimento de madeira flutuante de carvalho.

Caixilharia - É mista de alumínio e madeira permitindo uma combinação das questões técnicas do alumínio com as questões estéticas da madeira, ficando a madeira posicionada para o exterior. A estrutura da caixilharia é em liga de alumínio com perfil de poliamida armada de fibra de vidro, cravada sobre perfis de alumínio para garantir uma melhor eficiência térmica. Os vidros serão duplos, com o exterior laminado e refletivo temperado, com caixa-de-ar vidro incolor, as suas espessuras dependem da especialidade térmica.

Portas - As portas exteriores e interiores são de madeira de carvalho lisa, tratada e envernizada, sendo que as portas de cozinha possuem um envidraçado.

Vias de tráfego - Existe apenas uma via de acesso automóvel, que já se encontra realizada em alcatrão e em bom estado de conservação, apenas são utilizados o paralelo (no início e no fim da aldeia). Deste modo realizou-se em paralelo de granito o estacionamento previsto.

Percursos Pedonais - Optamos por calçada existente na época, assim colocamos calçada romana, em gratino.

Nos pátios - Colocamos seixo rolado, e em alguns, aqueles que permitem pela sua dimensão, árvores.

Capítulo 6 - Considerações Finais

Apesar de ser uma proposta específica desta Aldeia, ela pode ser (foi) encarada como um possível posicionamento de um arquiteto perante um projeto de reabilitação, delineando uma estratégia a partir de determinados princípios e contingências. Apesar disto, como foi constatado, cada caso deve ser único e singular; os princípios foram lançados e pensa-se que se atingiu o objetivo face às questões iniciais e se foram resolvendo os problemas que foram surgindo ao longo do processo de trabalho.

Criou-se uma metodologia passando pela análise e compreensão do local; pela investigação das suas potencialidades e condicionantes; pelo estudo da tipologia arquitetónica, materiais e sistemas construtivos do "objeto" de estudo e da sua relação com a envolvente; aliada ao estudo dos princípios patrimoniais, dos conceitos que estão agregados à conservação e reabilitação de espaços como este, tão comuns no interior do nosso país cada vez mais desertificado. Também a verificação *in loco* dos espaços, das materialidades, das ambiências e, a confirmação, ou não, das expectativas permitiu uma natureza própria para a conceção do projeto. Considera-se esta parte do processo muito importante, pela comparação direta que se pode fazer entre o caso de estudo e a proposta, analisar o que funciona ou não, e o que pode ser aproveitado ou melhorado consoante as conclusões tiradas após visitas ao local.

À falta de uma posição única, universal e correta de intervir, cabe ao interveniente tomar decisões, deve assumir uma posição de forma clara no que toca à intervenção e, caso queira conferir uma nova imagem ao(s) edifício(s), esta deve ser reconhecível e distanciar-se da linguagem da pré-existência, mantendo uma dicotomia entre as duas identidades.

Toda a recolha de informação e análise de dados contribui para um melhor entendimento do lugar a intervir e, por isso, torna-se muito importante a interdisciplinaridade quando se pretende reabilitar. O cruzamento de dados e disciplinas torna o projeto mais coerente e capaz de responder da melhor maneira possível à proposta que foi lançada. Evidentemente, que este projeto, por ser académico não teve uma intervenção mais "profunda" de áreas como as engenharias e o paisagismo, mas foi colmatada com a questão da orientação.

Nos dias que correm, com o grande crescimento dos centros urbanos, não só é pertinente quando se fala de reabilitação como cada vez mais necessário, evitar-se o aumento de novas construções, privilegiando as construções mais antigas e na maioria bastante interessantes que devem ser mantidas e reabilitadas, valorizando o edificado, o património, as áreas adjacentes e, por isso, revitalizando muitas zonas de núcleos urbanos.

Em suma, os objetivos traçados foram alcançados e a adaptação da Aldeia do Colmeal respeita a sua memória e mantém a sua identidade, ao mesmo tempo, que é revitalizada, construindo um "novo" território com um impacto funcional e visual positivo e marcante.

Capítulo 7 - Bibliografia

A.A.V.V. - **Arquitectura Ibérica. #36**Reabilitação. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.

Associação de Desenvolvimento Turístico das Aldeias Históricas de Portugal. - **Rede das Aldeias Históricas de Portugal - Estratégia de Eficiência Coletiva e Plano de Ação**. Provere, Janeiro de 2009.

Baeza, Alberto Campo - **A Ideia Construída**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008.

Bento, Teresa - **GR22 - Grande Rota das Aldeias Históricas**. Inatel, 2010.

Brandi, Alberto Campo - **Teoria da Restauração**. São Paulo: Atelier Editorial, 2004.

Coelho, Aires Cruz - **História do Colmeal**. Aqui Nasceu a Ordem Militar S. Julião do Pereiro, Volume II. Reiform - Artes Gráficas, Unipessoal, Lda - Matosinhos, 2012.

Choay, Françoise - **Alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 2010.

Cullen, Gordon - **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2006.

Dean, Corinna; O`KELLY, Emma - **Rehabilitaciones**. Barcelona: Art Blume, 2007.

Fernandes, Fátima; CANNATÀ, Michele - **Territórios Reabilitados**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010.

Figueira, Jorge - **Agora está tudo a mudar**. Arquitectura em Portugal. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005.

Koolhaas, Rem - **Três textos Sobre a Cidade - Grandeza, ou o Problema do Grande, a Cidade Genérica, Espaço lixo**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

Le Corbusier - **Vers une Architecture**. Paris: Flammarion, 2005. (Publicação original em francês, em 1923).

Le Corbusier - **Precisões**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. (Publicação original em francês, em 1930).

Le Corbusier - **Carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1989. (Publicação original em francês, em 1941).

Maia, Maria Helena - **Património e Restauro em Portugal (1825-1880)**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

Matos, Aurora Simões - **Contos de Xisto**. Viseu: Edições Esgotadas, 2012.

Neto, Maria João Baptista - **Memória Propaganda e Poder - O restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)**. Porto: FAUP Publicações, 2001.

Niemeyer, Óscar - **Conversa de Arquiteto**. Porto: Campo das Letras, 1997.

Pedroso, P. *Formação e Desenvolvimento Rural*. Celta Editores, Oeiras, 1998.

Rodrigues, M. J. Madeira - **O que é a Arquitectura**. Lisboa: Quimera, 2002.

Rodrigues, Jacinto - **Sociedade e Território**. Desenvolvimento Ecologicamente Sustentado. Porto: Profedições, 2006.

Santos, Luís Manuel da Silva - **Reabilitação do Património Rural - O Caso de Quintandona, Penafiel**. Dissertação de Mestre em Engenharia Civil, FEUP, Porto, 2013.

Silva, António José J. - **Monografia do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo**. Gráfica de Gouveia, 1992.

Stamato, B., Moreira, R. - **Desenvolvimento Rural Sustentável - Instituto Giramundo Mutuando**. Metalinguagem Comunicação, São Paulo, 2009.

Távora, Fernando - **Da Organização do Espaço**. Porto: FAUP Publicações, 2006.

Vaz, Pedro - **Reabilitação Urbana - Um Modelo de Sustentabilidade**. Lisboa: Urbe, 2006.

Viollet-Le-Duc, Par M. - **Essai Sur L'Architecture**. Paris: Librairie D'Architecture de Bance, Éditeur, 1854.

Zumthor, Peter - **Pensar a Arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

5.1. Referências Eletrônicas

<http://alusadac.do.sapo.pt/indexcolmeal.html>

<http://www.cm-fcr.pt/concelho/freguesias/Paginas/Colmeal.aspx>

<http://joelcleto.no.sapo.pt/textos/Comercio/Colmeal.htm>

<http://leoborsalfcr.blogspot.pt/2010/02/tragedia-do-colmeal.html>

<http://blogueios.blogspot.pt/2005/09/colmeal.html>

<http://aboutportugal-dylan.blogspot.pt/2012/01/colmeal-figueira-de-castelo-rodrigo.html>

<http://terrasdeportugal.wikidot.com/colmeal-figueira-de-castelo-rodrigo>

<http://clubehistoriaesvalp.blogspot.pt/2010/12/o-colmeal-das-donas-uma-aldeia-fantasma.html>

<http://www.guarda.pt/noticias/sociedade/Paginas/igreja-colmeal-regressou-parquia.aspx>

<http://www.radiomonsanto.pt/detalhe-noticia.php?id=62>

<http://cardoso.com.sapo.pt/Figueira/fcr.html>

http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1535559

<http://www.publico.pt/local/noticia/descobertas-pinturas-rupestres-em-figueira-de-castelo-rodrigo-1197184>

http://www.geocaching.com/geocache/GC1Y2DN_colmeal-aldeia-fantasma?guid=8fd2fbeb-9213-4bae-a445-c98f093b6bd6

<http://www.admestrela.pt/aldeias/concelho.asp?id=4>

<http://abandonadacidade.blogspot.pt/2012/02/o-colmeal-das-donas-uma-aldeia-fantasma.html>

5.2. Ficha Técnica

Autor: Sílvia Alexandra Felício Martins

Título: Aldeia do Colmeal - Revitalização: da Ruína ao Turismo

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

Número de Páginas:

Este documento foi escrito de acordo com o Novo Acordo Ortográfico (em vigor desde Janeiro de 2009).

Anexos

- Fichas de catalogação
- Peças Desenhadas